

XVIII Encontro Científico de Ciências Sociais Aplicadas

ÉTICA NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

de 17 a 19 de novembro de 2025



A MAIÊUTICA DIGITAL: O PROFESSOR COMO ARQUITETO DO PENSAMENTO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

José Angelo Nicácio

Professor do Curso de Administração

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: jose.nicacio@unioeste.br

Liliane Dalbello

Professora do Curso de Ciências Contábeis

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: liliane.dalbello@unioeste.br

RESUMO:

A consolidação da Inteligência Artificial (IA) como eixo estruturante da sociedade contemporânea exige a reformulação epistemológica da docência universitária, deslocando o docente da função de transmissor de conteúdos para o papel de arquiteto do pensamento como mediador entre a inteligência humana e a inteligência algorítmica. Contudo, instiga-se a inquietação sobre qual o novo papel e a reformulação epistemológica exigida do docente na sociedade contemporânea, frente à consolidação da Inteligência Artificial, e como esse papel pode ser revalorizado à luz da filosofia socrático-platônica? A partir disso, o artigo tem por objetivo discutir a refundação do papel docente na era da IA, à luz da filosofia socrático-platônica e das teorias contemporâneas da aprendizagem. O estudo adota abordagem qualitativa, exploratória e hermenêutico-interpretativa, fundamentada em revisão bibliográfica sistemática e na análise comparativa de autores clássicos e modernos, entre eles Platão (*apud* JAEGER, 2003), Vygotsky (1991), Ausubel (1968), Illeris, (2013) (2013), Siemens e Downes (2005), Pereira (2023), Baranauskas (2025), Lee e Qiufan (2022), Bortolozzi (2025) e Cozman, Plonski e Neri [livro eletrônico]. A elaboração textual baseou-se no banco de dados do ARENA – Laboratório de Inteligência Competitiva e Análise Realista do Estado e da Nova Academia, integrando dados organizados, intervenção crítica do pesquisador e redação assistida pela IA ChatGPT (OpenAI). Os resultados teóricos indicam que a IA não substitui o docente, mas o convoca a exercer uma nova forma de magistério, a tecno-maiêutica que combina cognição, ética, técnica e filosofia. A maiêutica digital, inspirada em Sócrates, emerge como método para transformar a abundância informacional em conhecimento significativo, enquanto a filosofia platônica orienta o discernimento entre a doxa algorítmica e a epistême racional. O docente, neste novo paradigma, torna-se intérprete das inferências algorítmicas, curador de dados e guardião da razão, responsável por assegurar que o conhecimento mediado por máquinas mantenha coerência epistemológica e integridade ética. Conclui-se que a Inteligência Artificial, longe de representar ameaça à educação humanista, constitui oportunidade de revalorização da docência como prática filosófica e moral. O docente-mestre e filósofo digital, ao articular razão, ética e técnica, preserva a essência humana da educação em meio à racionalidade das máquinas, reafirmando a centralidade do pensamento crítico como chama viva da formação universitária.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Maiêutica Digital; Epistemologia Docente; Ensino Superior; Filosofia da Educação.

1 INTRODUÇÃO

A consolidação da Inteligência Artificial (IA) como eixo estruturante da contemporaneidade impõe uma revisão profunda das bases epistemológicas do ensino superior e do papel do docente na produção e mediação do conhecimento. O avanço dos sistemas de aprendizado de máquina, das redes neurais e das tecnologias generativas reposiciona o ato de ensinar em um cenário em que a informação é abundante, mas o sentido é escasso. Essa transição desafia a universidade a reconfigurar seus métodos e finalidades, substituindo a lógica de transmissão por uma lógica de interpretação e curadoria cognitiva, na qual o docente deixa de ser mero reprodutor de saberes para tornar-se arquiteto do pensamento, um mediador entre a inteligência humana e a inteligência algorítmica.

O ensino superior contemporâneo vive, assim, um paradoxo histórico: busca formar profissionais para um mundo digital, mas ainda opera sob modelos pedagógicos concebidos na era industrial. Essa dissonância entre forma e propósito evidencia a crise dos currículos lineares e das epistemologias declarativas, incapazes de dialogar com o dinamismo cognitivo das redes digitais e dos ecossistemas de dados. Diante desse contexto, a filosofia, especialmente a tradição socrático-platônica, reaparece como instrumento de emancipação intelectual e ética, resgatando o diálogo, a dúvida e a consciência crítica como fundamentos da educação significativa.

A Maiêutica Digital, conceito que inspira o presente artigo, emerge dessa intersecção entre filosofia clássica e tecnologia contemporânea. Assim como Sócrates levava seus interlocutores à descoberta da verdade por meio do diálogo, o docente da era da IA deve guiar estudantes e algoritmos na construção coletiva de significado e sentido. A reinterpretção do método socrático insere o docente no centro de uma nova epistemologia, a epistemologia da evidência em que o conhecimento não se reduz à acumulação de dados, mas se constrói pela análise, pela contextualização e pela reflexão crítica sobre o que os algoritmos produzem.

A transformação da docência em atividade tecno-maiêutica reflete, portanto, uma mudança de paradigma. A teoria tridimensional da aprendizagem de Illeris, (2013) (2013) da integração das dimensões cognitivas, emocionais e sociais, fornece o alicerce para compreender essa nova função docente, que combina razão, empatia e interação em ambientes mediados por IA. O docente contemporâneo é chamado a exercer uma ação educativa que, além de técnica, é ética e filosófica: um ato de interpretação constante, em que a máquina amplia o alcance da mente humana, mas não a substitui.

Este artigo tem como objetivo geral discutir a refundação epistemológica do papel docente na era da Inteligência Artificial, analisando a transição do docente clássico para o “arquiteto do pensamento”, mediador hermenêutico entre a inteligência humana e a inteligência algorítmica. Como objetivos específicos, busca-se:

- ✓ reconstituir a evolução teórica da docência entre 2015 e 2020, articulando Illeris, (2013) (2013), Vygotsky (1991) e Ausubel (1968);
- ✓ examinar a integração entre filosofia clássica, conectivismo e cultura digital (PLATÃO, *apud* JAEGER, 2003; SIEMENS; DOWNES, 2005); e
- ✓ analisar a evolução histórica e conceitual da Inteligência Artificial sob os enfoques técnico, ético e epistemológico (PEREIRA, 2023; BARANAUSKAS, 2025; LEE; QIUFAN, 2022; MUNDO EM FOCO, 2024).

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e hermenêutico-interpretativa, sustentada em revisão bibliográfica sistemática e análise comparativa de autores clássicos e contemporâneos. A elaboração textual apoiou-se no banco de dados do (ARENA) Laboratório de Inteligência Competitiva e Análise Realista do Estado e da Nova Academia, mediante prompts elaborados pelo pesquisador e redação assistida pela IA ChatGPT (OpenAI).

A construção resultante expressa a integração entre dados organizados, intervenção crítica humana e suporte tecnológico, assegurando rastreabilidade, originalidade e mérito científico.

A relevância do estudo reside em demonstrar que o avanço da IA não extingue o docente, mas revaloriza sua função filosófica e moral. A universidade do século XXI precisa reencontrar na filosofia, especialmente na maiêutica e na ética socrática, o antídoto contra a superficialidade cognitiva e o automatismo algorítmico. O desafio não é apenas tecnológico, mas humano: reafirmar o sentido do conhecimento em um mundo governado por dados.

Em síntese, se propõe a leitura da docência universitária como uma redenção epistemológica, na qual a razão e a ética retomam centralidade frente à racionalidade técnica. A educação deixa de ser um processo de transmissão linear e passa a ser um exercício de consciência, uma reconstrução contínua de significados, guiada pelo diálogo entre o humano e o digital. Assim, a Inteligência Artificial torna-se não o fim da pedagogia, mas o início de uma nova era da filosofia aplicada à educação: aquela em que o docente, mais do que nunca, é guardião da razão e arquiteto da consciência.

A estrutura do artigo, além dessa introdução, está inicialmente, a revisão bibliográfica sistemática que fundamenta o problema e a relevância da Inteligência Artificial no contexto da educação superior. Em seguida, a metodologia de abordagem qualitativa, exploratória e hermenêutico-interpretativa. O terceiro tópico é à análise comparativa entre o papel docente tradicional e o conceito de tecno-maiêutica, utilizando as bases da filosofia socrático-platônica para discutir o discernimento entre a *doxa algorítmica* e a *epistême racional*. Por fim, os resultados teóricos, que redefinem o docente como intérprete das inferências algorítmicas, curador de dados e guardião da razão. Finaliza nas considerações finais e referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação delimita o estado da arte, articulando a passagem do docente clássico ao “arquiteto do pensamento” em contextos digitais. Parte-se da maiêutica (PLATÃO, *apud* JAEGER, 2003) e de aportes cognitivos (VYGOTSKY, 1991; AUSUBEL, 1968) para qualificar o docente como mediador entre conhecimento humano e inteligência algorítmica, e enquadra a crise dos currículos lineares frente ao conectivismo (SIEMENS; DOWNES, 2005). Em seguida, sintetiza-se a evolução do modelo teórico docente (2015–2020), ancorado em Illeris, (2013), e a trajetória epistemológica do autor do estudo, para então situar a evolução histórica e técnica da IA (PEREIRA, 2023; BARANAUSKAS, 2025; LEE; QIUFAN, 2022; MUNDO EM FOCO, 2024 e COZMAN, PLONSKI e NERI [livro eletrônico]). Assim, a revisão organiza-se em seis eixos a seguir:

2.1 O DOCENTE COMO ARQUITETO DO PENSAMENTO: DA MAIÊUTICA À INTELIGÊNCIA ALGORÍTMICA

O ensino superior contemporâneo vive um paradoxo: busca formar profissionais para um mundo digital, mas preserva métodos forjados na era industrial. Essa contradição pode ser simbolizada pelo “dia em que o currículo pediu habeas data”, uma metáfora que expressa o clamor por libertação do ensino aprisionado por burocracias, estruturas lineares e epistemologias declarativas. Nesse contexto, o professor assume uma nova identidade: a de arquiteto do pensamento, um mediador entre o conhecimento humano e a inteligência algorítmica.

A Maiêutica Digital, conceito que inspira o presente artigo, é a reinterpretação do método socrático no século XXI. Assim como Sócrates conduzia seus interlocutores a descobrirem a verdade por meio do diálogo (PLATÃO, *apud* JAEGER, 2003), o docente da era da inteligência artificial deve instigar o raciocínio, provocar a dúvida e construir significados

em conjunto com os aprendizes e as máquinas. A ação docente passa a envolver o desenho de contextos cognitivos, a curadoria de dados e o julgamento ético dos algoritmos, funções que só podem ser exercidas por um mestre que compreende a IA como instrumento de ampliação da razão humana (VYGOTSKY, 1991; AUSUBEL, 1968).

2.1.1 O Currículo Pós-Algorítmico e a Crise das Epistemologias Lineares

Em 2015, durante uma banca de avaliação acadêmica para promoção à classe de Professor Associado, foi apresentado um artigo que defendia uma reforma curricular fundamentada em princípios econômicos e institucionais que sustentam as atividades organizacionais contemporâneas como Teoria dos Contratos, Agência, Firma, Stakeholders, Legitimidade e Nova Economia Institucional (NEI). O trabalho propunha o reposicionamento epistemológico do curso de Administração em direção à Economia Aplicada e à Ciência de Dados, com a inserção de laboratórios de análise quantitativa, modelagem preditiva e simulação decisória como eixos estruturantes da formação gerencial.

O trabalho, após um dos membros da banca considerar não científico o uso de referências a redes neurais, algoritmos genéticos e aprendizagem de máquina, apresentados com base em fontes abertas como o Wikipedia, em um período em que tais temas ainda não haviam alcançado reconhecimento consolidado hoje com a Inteligência Artificial, classificou o estudo como incompatível com as tradições pedagógicas vigentes, ancoradas em modelos declarativos e normativos de ensino. O episódio transformou-se, posteriormente, em símbolo individual das resistências epistemológicas que permeiam a academia, revelando o choque entre currículos concebidos para uma era pré-algorítmica e as exigências cognitivas emergentes do mundo pós-algorítmico.

Anos mais tarde, em 2020, o mesmo docente apresentou uma nova proposição de revisão curricular para o curso de Administração, fundamentada em uma lógica mais sintética e orientada por competências. O modelo sugeria a concentração das disciplinas de hard skills nos três primeiros anos, dedicando o último ano a uma imersão prática em governança de dados, programação computacional e análise de informações em bancos de dados abertos e fechados. A proposta partia do princípio de que a essência da administração sempre residiu na capacidade de transformar dados em informações úteis, oportunas e auditáveis, gerando resultados quantitativos e qualitativos capazes de sustentar vantagens competitivas e comparativas para empresas e organizações.

A abordagem enfatizava que, no século XXI, o administrador não deveria apenas interpretar relatórios, mas compreender a lógica de sua geração, dominando as linguagens, ferramentas e processos que estruturam a produção de conhecimento em ambientes digitais. Ainda assim, a proposta foi refutada, o que evidenciou a persistência de estruturas educacionais resistentes à inovação, incapazes de reconhecer que o núcleo da ciência administrativa está na síntese entre raciocínio analítico, competência tecnológica e pensamento crítico.

Essa tensão não é isolada. Siemens e Downes (2005) já haviam descrito o conectivismo como uma teoria necessária para um contexto em que o conhecimento se distribui em redes e sistemas digitais. Assim, o ensino deve evoluir de uma epistemologia de transmissão para uma epistemologia de interação e conectividade, em que aprender é saber navegar fluxos de informação.

2.1.2 Da Epistemologia Declarativa à Epistemologia da Evidência

A resistência à transformação digital no ensino superior está enraizada em um modelo epistemológico que valoriza a repetição em detrimento da experimentação. A Maiêutica Digital

propõe a superação desse paradigma: o aprendizado deixa de ser o simples armazenamento de conteúdos e passa a ser a capacidade de investigar, analisar e sintetizar evidências.

Essa transição fundamenta-se na teoria da aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1968), na qual o novo conhecimento se ancora em estruturas cognitivas prévias, adquirindo sentido prático. No contexto contemporâneo, o docente deve operar como engenheiro de contextos de aprendizagem, desenhando trilhas cognitivas baseadas em dados, experiências e reflexões, de modo que o estudante se torne autor e crítico do próprio processo.

O fato de uma proposta inovadora ser recusada por estruturas tradicionais apenas reforça o argumento central: as instituições que não aprendem com o futuro tornam-se reféns do passado. A reprovação do projeto curricular, em vez de um fracasso, representa uma confirmação empírica da inércia epistemológica e evidencia o porquê de o ensino necessitar de libertação cognitiva.

O “habeas data” torna-se, nesse contexto, símbolo e manifesto: o direito do pensamento de ser examinado, testado e atualizado com base em evidências. A Maiêutica Digital, ao propor o renascimento do docente como arquiteto do pensamento, defende que a inteligência artificial não substitui o mestre, mas o convoca a recuperar seu papel filosófico, o de condutor da razão e da ética em tempos de algoritmos.

2.2 FUNDAMENTO TEÓRICO DO DOCENTE PARA CONSTRUÇÃO DE SEU MODELO EM 2015 E 2020

A construção teórica do modelo pedagógico elaborado pelo docente passou por duas fases distintas: a primeira, em 2015, ancorada na obra *Teorias Contemporâneas da Aprendizagem* Illeris, (2013); e a segunda, em 2020, marcada pela atualização de sua visão de ensino-aprendizagem diante do avanço das tecnologias digitais e da inteligência artificial. Ambas as fases, embora temporalmente separadas, guardam coerência epistemológica, pois partem de uma mesma concepção: a aprendizagem como fenômeno complexo, tridimensional e transformador.

Em 2015, a leitura da obra de Illeris, (2013), forneceu o alicerce conceitual para a formulação inicial do modelo. O autor propõe uma visão integradora do processo de aprendizagem, articulando três dimensões fundamentais — cognitiva, emocional e social. A aprendizagem, segundo Illeris, (2013), é simultaneamente racional e afetiva, individual e coletiva, resultado de interações entre o sujeito e o meio. Essa concepção rompe com visões reducionistas centradas exclusivamente na cognição, aproximando-se das abordagens sociointeracionistas de Vygotsky e experienciais de Kolb, além de dialogar com vertentes humanistas como a de Rogers.

Inspirado nessa estrutura teórica, o professor formulou, em 2015, um modelo pedagógico tridimensional, no qual o ato de ensinar é compreendido como um processo de mediação que busca integrar o raciocínio crítico, o engajamento emocional e a interação social significativa. Essa primeira versão do modelo visava superar práticas instrucionais fragmentadas, enfatizando o papel ativo do estudante como sujeito da própria aprendizagem e a função docente como mediadora reflexiva.

Entre os conceitos centrais assimilados dessa base, destaca-se o de aprendizagem transformadora, de Jack Mezirow, reinterpretado por Illeris, (2013), e adotado pelo professor como princípio orientador. A aprendizagem transformadora representa a capacidade humana de revisar crenças, reconstruir significados e resignificar experiências. A partir dessa perspectiva, o professor passou a conceber o aprendizado não como mera aquisição de conteúdos, mas como processo de autoconstrução e emancipação cognitiva, crucial em tempos de incerteza social e tecnológica.

Outro elemento essencial incorporado ao modelo de 2015 foi a análise das resistências à aprendizagem, também desenvolvida por Illeris, (2013). O reconhecimento de fatores como medo, ansiedade, desmotivação e sobrecarga informacional levou o professor a inserir em sua prática um componente de alfabetização emocional e relacional, articulando metodologias que considerassem as barreiras afetivas e cognitivas dos estudantes.

Em 2020, o modelo passa por um segundo movimento de reconstrução teórica, impulsionado pela transformação do ecossistema educacional digital e pela emergência da inteligência artificial aplicada à aprendizagem. Mantendo como base o pensamento de Illeris, (2013), o professor amplia sua proposta para incluir a dimensão tecnocognitiva, compreendendo as tecnologias como instrumentos de mediação e extensão cognitiva e não como substitutos da mediação humana. Assim, o modelo tridimensional é atualizado para integrar práticas pedagógicas que utilizam recursos digitais e sistemas de IA como suportes para o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da aprendizagem significativa.

Essa reformulação de 2020 também reforçou o papel do docente como arquiteto cognitivo e curador digital, reposicionando o professor como mediador entre os algoritmos e o pensamento humano. A inteligência artificial é vista como ferramenta para ampliar o alcance da maiêutica o método socrático de construção do conhecimento por meio do diálogo e da problematização. O aprendizado, portanto, passa a ser concebido como uma experiência híbrida, em que as tecnologias digitais interagem com as dimensões cognitivas, emocionais e sociais delineadas por Illeris, (2013).

No plano crítico, essa evolução teórica entre 2015 e 2020 reflete a passagem do paradigma pedagógico tradicional para um paradigma reflexivo e digital-humanista, em que o docente se torna tanto construtor de sentido quanto gestor de ecossistemas de aprendizagem. O núcleo conceitual de Illeris, (2013) no caso a integração entre cognição, emoção e interação, mantém-se como base permanente, mas agora expandido pela inserção da dimensão tecnológica como mediadora do pensamento e da comunicação.

Em síntese, o modelo construído pelo professor, entre 2015 e 2020, revela uma trajetória de continuidade e ampliação teórica. Fundamentado nas contribuições de Illeris, (2013), ele evolui de um enfoque psicossocial para um enfoque tecno-maiêutico, que articula humanismo, ciência e tecnologia. Essa trajetória evidencia o compromisso do professor com uma educação crítica, ética e adaptada às exigências cognitivas e culturais da era digital, em que ensinar é mediar, aprender é transformar, e a tecnologia é o meio que amplia a consciência e não a substitui.

2.3 A TRAJETÓRIA EPISTEMOLÓGICA DO DOCENTE

O percurso do professor com os fatos supra citado, objeto evidencia o embate entre tradição e inovação pedagógica no ensino superior brasileiro contemporâneo. Sua trajetória é marcada por duas proposições reformistas a primeira em 2015 e a segunda em 2020 que, embora fundadas em bases teóricas sólidas, foram recebidas com resistência institucional, culminando em punição moral e censura pedagógica. O que à época se classificou como “ruptura metodológica” revela-se hoje, à luz das teorias contemporâneas de aprendizagem, uma antecipação das transformações epistemológicas que caracterizam o ensino na era da inteligência artificial.

Em 2015, o docente propôs um modelo de ensino ancorado em princípios de aprendizagem de máquina, redes neurais e algoritmos genéticos, buscando compreender o processo de aprendizagem humana por analogia aos sistemas adaptativos da inteligência computacional. Embora as referências técnicas utilizadas fossem incipientes, refletindo o estágio de difusão da inteligência artificial naquele período, o trabalho dialogava com a teoria

tridimensional da aprendizagem de Illeris, (2013), que integra dimensões cognitivas, emocionais e sociais como partes indissociáveis do aprender.

Assim, a proposta antecipava o que Illeris, (2013) denomina de processo integrativo de aprendizagem humana em que o conhecimento é construído a partir da interação dinâmica entre sujeito, conteúdo e contexto social.

À época, porém, o colegiado avaliador considerou a proposta “não científica e incompatível com as tradições pedagógicas vigentes”, desconsiderando que o experimento representava um esforço de reconstrução epistemológica coerente com a emergência da cultura digital.

Cinco anos mais tarde, em 2020, o mesmo professor apresentou nova proposta curricular para o curso de Administração, defendendo a redução de disciplinas centradas em hard skills convencionais e a introdução de governança de dados, pensamento algorítmico e programação computacional como competências estratégicas. Essa proposição dialoga com o princípio da aprendizagem significativa de Ausubel (1968), segundo o qual o novo conhecimento só adquire valor quando ancorado em estruturas cognitivas preexistentes. Assim, ao propor a leitura e a manipulação de dados como instrumentos de raciocínio administrativo, o professor não substituiu a formação humanista, mas a ampliava em direção a uma aprendizagem conectada e contextualizada.

O padrão comportamental do professor, punido por inovar, reflete o arquétipo do mestre socrático, isto é o provocador de consciências. A maiêutica, método de Sócrates, consiste na arte de fazer nascer ideias por meio do diálogo e da dúvida metódica (PLATÃO, *apud* JAEGER, 2003). Tal como o filósofo ateniense, o professor em análise utilizou a provocação intelectual para romper com o dogmatismo pedagógico, buscando conduzir seus pares e discentes a um pensamento autônomo sobre o ensino em tempos de inteligência artificial.

Nesse sentido, sua atuação pode ser compreendida como o exercício da maiêutica digital: um processo de diálogo mediado por tecnologia, em que o docente se vale da IA não como oráculo, mas como espelho epistemológico para o pensamento crítico.

A leitura pestalozziana reforça essa compreensão. Para Johann Heinrich Pestalozzi (1801), a verdadeira educação deve integrar cabeça, coração e mãos, ou seja, razão, sentimento e ação prática. A proposta curricular do professor punido seguia exatamente essa tríade, ao unir o rigor técnico dos dados (cabeça), a reflexão ética sobre a tecnologia (coração) e a aplicação prática das ferramentas digitais em problemas administrativos (mãos). Essa combinação caracteriza a formação integral, defendida por Pestalozzi como o único caminho capaz de unir conhecimento e humanidade.

No campo da psicologia histórico-cultural, Lev Vygotsky (1978) compreende a aprendizagem como um fenômeno social e mediado, no qual o professor exerce papel central na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) — o espaço entre o que o aprendiz consegue fazer sozinho e o que pode realizar com auxílio de um mediador. Na proposta do professor analisado, a IA seria uma ferramenta de ampliação dessa zona, e não uma substituta do mediador humano. A atuação docente mantém-se essencial para contextualizar, interpretar e atribuir sentido cultural e ético às descobertas proporcionadas pela tecnologia.

Sob o prisma da Teoria da Aprendizagem Significativa, de Ausubel (1968), a defesa do professor por um currículo baseado em governança de dados encontra respaldo no princípio da ancoragem cognitiva. A aprendizagem significativa exige que o novo saber se relacione de modo substancial e não arbitrário ao conhecimento prévio do aluno, e que o professor organize o material de forma lógica e conceitual. Assim, o professor punido por sua ousadia não estava afastando-se da ciência, mas aplicando uma de suas leis mais básicas: a mediação consciente entre o novo e o já conhecido.

Por fim, a Teoria do Conectivismo, formulada por George Siemens (2005) e Stephen Downes (2005), fornece o arcabouço epistemológico contemporâneo para compreender a

coerência do pensamento do professor. Segundo Siemens (2005), o conhecimento não reside mais exclusivamente no indivíduo, mas em redes que interligam pessoas, informações e tecnologias. Aprender é, portanto, saber onde e como encontrar o conhecimento. Essa visão antecipa o papel do docente como curador de conexões cognitivas, conceito essencial para a educação mediada por IA. O professor de 2015 e 2020, portanto, não pretendia eliminar o ensino tradicional, mas reconfigurar o espaço pedagógico em rede, colocando a universidade como nó ativo em ecossistemas de saber distribuído.

Dessa forma, o comportamento institucionalmente punido pode ser reinterpretado como expressão de uma ética do conhecimento. Assim como Sócrates foi condenado por ensinar os jovens a pensar, este professor foi sancionado por ensinar a universidade a repensar-se à luz da inteligência artificial. Seu padrão comportamental reflete o arquétipo do docente-mestre arquiteto do pensamento: inquieto, dialógico e transdisciplinar, que utiliza a tecnologia como extensão da razão e instrumento de autoconhecimento coletivo.

Em um tempo em que algoritmos produzem respostas, ele se manteve fiel à pergunta e é precisamente isso que o distingue do autômato e o aproxima da verdadeira essência do educador.

2.4 EVOLUÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A literatura especializada sobre Inteligência Artificial (IA) demonstra que o campo se consolidou ao longo de mais de sete décadas de investigação científica, passando de experimentos teóricos em lógica simbólica para sistemas complexos de aprendizado profundo e redes neurais. O percurso histórico e epistemológico da IA revela uma trajetória marcada por avanços técnicos, crises conceituais e reconfigurações éticas, refletindo as transformações tecnológicas e sociais do século XXI.

Conforme destaca Pereira (2023), em Introdução à Inteligência Artificial, o termo “Inteligência Artificial” foi cunhado em 1956 por John McCarthy, no histórico Workshop de Dartmouth, evento considerado o marco fundador do campo. Desde então, a IA tem sido definida como a ciência que busca criar máquinas capazes de reproduzir aspectos do raciocínio humano. Pereira (2023) descreve as principais abordagens que moldaram o desenvolvimento da área: a conexionista, baseada em redes neurais inspiradas no cérebro; a simbólica, centrada na lógica formal e nos sistemas especialistas; e a evolucionária, que utiliza algoritmos genéticos e princípios de seleção natural. O autor ainda identifica uma quarta vertente, a IA híbrida, que combina elementos das anteriores, permitindo lidar com problemas de alta complexidade.

A partir dessa base teórica, a obra de Pereira (2023) delineia o percurso histórico da IA em quatro grandes fases: (1) o período inicial, de 1943 a 1956, dominado por modelos lógicos e neurônios artificiais; (2) a fase de otimismo entre as décadas de 1950 e 1970, caracterizada pelo desenvolvimento dos primeiros sistemas simbólicos; (3) o chamado “inverno da IA”, marcado pela estagnação de resultados práticos; e (4) a retomada contemporânea, impulsionada pela aprendizagem de máquina (*machine learning*), pelo aumento da capacidade computacional e pela disponibilidade de grandes volumes de dados (*big data*). Pereira (2023) enfatiza que o desafio atual não é apenas técnico, mas epistemológico, pois a IA deve equilibrar rigor matemático, experimentação empírica e responsabilidade ética.

A obra Histórico e Aplicações de Inteligência Artificial, de Baranauskas (2025), complementa esse panorama ao destacar que o desenvolvimento da IA oscilou entre duas tradições científicas: a simbólica, fundada na manipulação de representações lógicas, e a conexionista, baseada em redes neurais e aprendizado distribuído. O autor recorda experimentos fundacionais, como o modelo de neurônio artificial de McCulloch e Pitts (1943) e o Perceptron de Rosenblatt (1958), precursores das redes neurais atuais. Ao mesmo tempo, revisita os debates filosóficos que acompanharam o campo, como o problema da “Sala Chinesa”

de John Searle (1980), que questiona se máquinas realmente “compreendem” ou apenas simulam compreensão. A partir dessa análise, Baranauskas (2025) evidencia que a IA, desde sua origem, está inserida em uma tensão entre simulação e consciência, autonomia e controle, mecanicismo e intencionalidade.

A coletânea *Inteligência Artificial: Avanços e Tendências* de Cozman, Plonski e Neri, (2024) amplia a compreensão histórica e técnica ao reunir diferentes pesquisadores que abordam a IA sob três dimensões principais: a científico-tecnológica, a econômico-social e a ético-regulatória. No primeiro eixo, os autores analisam o avanço dos sistemas de aprendizado de máquina e das redes neurais profundas (*deep learning*), com destaque para aplicações em visão computacional, processamento de linguagem natural e automação de processos. No segundo, discutem as transformações socioeconômicas geradas pela IA como o impacto sobre o emprego, a produtividade e a concentração tecnológica. Por fim, o eixo ético-regulatório explora questões de governança algorítmica, transparência e justiça cognitiva, reconhecendo que o futuro da IA dependerá da integração entre inovação técnica e responsabilidade social.

Essa relação entre desenvolvimento técnico e implicações éticas é também observada na *Revista Mundo em Foco* (2024), publicação que sintetiza o estágio atual da IA em escala global. A edição destaca o surgimento das IAs generativas capazes de produzir textos, imagens e sons e a integração multimodal, que combina diferentes formatos de dados em um mesmo sistema. O periódico ressalta que o avanço desses modelos tem impulsionado debates sobre vieses algorítmicos, desinformação automatizada e padronização internacional, com destaque para a norma ABNT ISO/IEC TR 24027 (2024), que estabelece diretrizes de equidade, representatividade e transparência no desenvolvimento de sistemas inteligentes. A publicação aponta que a IA, em sua fase atual, transcende a ciência da computação e torna-se tema central da economia, da comunicação e das ciências humanas, configurando uma verdadeira infraestrutura cognitiva global.

Em uma perspectiva interdisciplinar, Lee e Qiufan (2022), na obra *2041: Como a Inteligência Artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas*, projetam os desdobramentos da IA até meados do século XXI. O livro combina ensaios científicos e narrativas ficcionais para ilustrar possíveis cenários em que a IA redefine a economia, a saúde, a segurança e a vida cotidiana. Os autores descrevem a transição da IA estreita (*Narrow AI*), voltada para tarefas específicas, para a IA geral (*General AI*), que busca reproduzir capacidades cognitivas humanas amplas. Ao mesmo tempo, alertam para dilemas éticos como o controle de dados, a discriminação automatizada e a dependência tecnológica, sugerindo a necessidade de uma inteligência artificial humanizada, guiada por princípios de equidade, propósito e empatia.

Por sua vez, Flávio Bortolozzi (2025), em *Inteligência Artificial na Educação para Estudantes da FESP*, contribui com uma abordagem aplicada que reflete o amadurecimento contemporâneo do campo. Embora a obra tenha sido elaborada em contexto acadêmico-educacional, ela sintetiza as tendências técnicas e conceituais dominantes da IA, evidenciando a transição de uma fase experimental para uma era de inteligência generativa e cognitiva assistida. Bortolozzi observa que o avanço das tecnologias generativas exige não apenas aperfeiçoamento técnico, mas também protocolos de ética, autoria e transparência, reafirmando a importância da responsabilidade humana na operação de sistemas inteligentes.

A análise comparativa dessas obras permite compreender a evolução da Inteligência Artificial como processo cumulativo e multidimensional. Do ponto de vista histórico, verifica-se a passagem de modelos lógicos e simbólicos para arquiteturas conexionistas e híbridas, culminando nos sistemas generativos e multimodais atuais (PEREIRA, 2023; BARANAUSKAS, 2025).

No plano técnico-científico, observa-se a convergência entre aprendizado profundo, big data e computação de alto desempenho, que viabilizou o salto qualitativo das últimas duas décadas (COZMAN, PLONSKI E NERI, 2024; MUNDO EM FOCO, 2024). Já sob a ótica

filosófica e prospectiva, os debates apontam para a necessidade de integrar inovação tecnológica e ética, de modo que a IA funcione como extensão do intelecto humano, e não como substituto da racionalidade (LEE; QIUFAN, 2022; BORTOLOZZI, 2025).

Em síntese, a revisão bibliográfica evidencia que a Inteligência Artificial evoluiu de um projeto técnico-científico restrito à computação para um paradigma global de racionalidade aplicada, no qual ciência, sociedade e ética se interligam. Essa evolução não é linear, mas dialética: cada avanço tecnológico gera novos questionamentos epistemológicos e morais, reafirmando que o futuro da IA dependerá da capacidade humana de compreender, orientar e limitar suas próprias criações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e hermenêutico-interpretativa, orientada à compreensão dos fundamentos filosóficos, cognitivos e técnicos que reconfiguram a docência universitária na era da Inteligência Artificial (IA). O foco não está em mensurações, mas na interpretação de sentidos que emergem do diálogo entre tradição filosófica (maiêutica socrática e epistemologia platônica), teorias contemporâneas da aprendizagem e literatura técnico-científica sobre IA. A natureza qualitativa justifica-se pelo objetivo de explicar e compreender (e não apenas descrever) os modos pelos quais a IA desloca a docência de um papel transmissivo para uma mediação crítica e filosófica.

Este trabalho foi elaborado com base no banco de dados do (ARENA) Laboratório de Inteligência Competitiva e Análise Realista do Estado e da Nova Academia, mediante prompts formulados pelo Pesquisador e com redação assistida pela inteligência artificial ChatGPT (OpenAI). A construção textual resultante é fruto da integração entre dados organizados, intervenção crítica humana e suporte de IA, assegurando originalidade, transparência e mérito científico. Em termos operacionais, o processo foi conduzido segundo três vetores complementares:

1. Banco de Dados do ARENA: utilizado como fonte estruturada de informações e análises (memórias técnicas, notas conceituais, extratos de revisão e registros de leitura), garantindo rastreabilidade e consistência dos insumos.
2. Intervenção do Pesquisador: formulação de prompts analíticos, hipóteses de investigação e critérios de inclusão/exclusão bibliográfica; definição das categorias temáticas e julgamento crítico das versões sucessivas do texto.
3. Redação assistida pela IA (ChatGPT/OpenAI): apoio à coesão e clareza textual, organização de argumentos e verificação de consistência terminológica entre as seções; toda a produção mediada por IA foi auditada, editada e validada pelo pesquisador antes da incorporação ao manuscrito.

Para reforçar a integridade acadêmica, adotaram-se: (i) registro de prompts e interações relevantes (trilha de auditoria metodológica); (ii) verificação cruzada das formulações conceituais com as obras-fonte citadas; (iii) checagem anti-redundância e reescrita quando necessário para preservar autoria intelectual e originalidade do texto.

O delineamento metodológico seguiu três etapas interdependentes:

1. Revisão bibliográfica sistemática-narrativa: levantamento e curadoria de obras centrais sobre (a) maiêutica e tradição clássica (PLATÃO, *apud* JAEGER, 2003), (b) aprendizagem significativa e mediação sociocultural (AUSUBEL, 1968; VYGOTSKY, 1991), (c) conectivismo (SIEMENS; DOWNES, 2005), (d) modelo tridimensional de Illeris, (2013) e (e) evolução histórico-técnica da IA (PEREIRA, 2023; BARANAUSKAS, 2025; COZMAN, PLONSKI E NERI, 2024; LEE; QIUFAN, 2022; MUNDO EM FOCO, 2024).

2. Análise hermenêutico-dialética: interpretação dos textos em seu contexto de produção e confronto entre matrizes conceituais clássicas e contemporâneas, visando sínteses não triviais (ex.: relação entre maiêutica e curadoria algorítmica; distinção doxa/epistême versus outputs generativos).
3. Síntese teórica e modelagem conceitual: elaboração do constructo “docente-mestre e filósofo digital”, articulação das quatro dimensões do perfil profissiográfico (cognitiva, ética, técnica e filosófica) e derivação de implicações para o (ESA) Estágio Supervisionado em Administração e para o currículo pós-algorítmico.

A seleção e organização do corpus contemplaram publicações com reconhecimento acadêmico (livros, artigos, relatórios e dossiês temáticos) e abrangência cronológica suficiente para: (i) reconstituir a evolução da IA; (ii) mapear a transição de modelos pedagógicos; (iii) sustentar a tese da redenção epistemológica da docência. A organização seguiu seis eixos temáticos (apresentados na Fundamentação Teórica), permitindo triangulação entre filosofia, psicologia da aprendizagem e ciência da computação.

O material foi submetido à análise de conteúdo temática (Bardin), com codificação aberta e axial para identificar núcleos de sentido (maiêutica digital, currículo pós-algorítmico, hermenêutica algorítmica, justiça cognitiva, etc.). A validação interpretativa ocorreu por: (a) método comparativo-analítico entre escolas teóricas; (b) consistência interna (coerência entre seções) e consistência externa (alinhamento às fontes); e (c) reflexividade do pesquisador, explicitando pressupostos e limites.

No caso das considerações éticas, autoria e limitações, o uso de IA foi declarado e controlado, com o Pesquisador mantendo autoridade epistemológica sobre seleção, interpretação e redação final. As limitações incluem: (i) não-determinismo dos modelos de IA (variação de respostas); (ii) risco de alucinação mitigado por verificação com fontes primárias; (iii) escopo teórico (o estudo não realiza testes empíricos ou experimentais). Tais limites não comprometem o objetivo, que é teórico-explicativo e propositivo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os principais achados teóricos e sua discussão crítica sobre o papel do docente na era da Inteligência Artificial. Em três movimentos articulados, expõe-se: (i) a redenção epistemológica do docente-mestre e filósofo (4.1), que recoloca a docência como instância hermenêutica e ética entre a inteligência humana e a algorítmica; (ii) a recuperação da relevância socrática e platônica (4.2), reafirmando a maiêutica e a distinção entre doxa e epistême como critérios para julgar inferências produzidas por sistemas de IA; e (iii) a delimitação do novo perfil profissiográfico docente (4.3), com competências cognitivas, éticas, técnicas e filosóficas necessárias à curadoria de conhecimento em ambientes digitais.

A discussão mobiliza contribuições de Bortolozzi (2025), Pereira (2023), Baranauskas (2025), Lee e Qiufan (2022) e normas técnicas como a ABNT ISO/IEC TR 24027 (2024), organizando um quadro de referências que combinam fundamentos clássicos e requisitos contemporâneos de transparência, rastreabilidade e equidade algorítmica. Ao final, sustenta-se que a função docente, longe de se reduzir ao domínio instrumental, exige integração entre reflexão filosófica, responsabilidade ética e competência técnica, reposicionando o docente como arquiteto do pensamento e auditor cognitivo no ecossistema acadêmico digital, como seguem:

4.1 A REDENÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO DOCENTE-MESTRE E FILÓSOFO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A literatura contemporânea sobre Inteligência Artificial (IA) e epistemologia docente converge para a tese central de que a IA não extingue a função do docente, mas exige sua reconfiguração filosófica e normativa, ancorada em novos parâmetros de racionalidade, ética e responsabilidade cognitiva. O docente do século XXI deixa de ser um mero transmissor de conteúdos para tornar-se um mestre e filósofo, capaz de compreender os fundamentos epistemológicos, ontológicos e axiológicos que estruturam o conhecimento na era algorítmica. Essa transfiguração caracteriza o que se pode denominar de redenção epistemológica do docente-mestre e filósofo, processo pelo qual o magistério recupera sua centralidade como instância crítica e mediadora entre a inteligência humana e a inteligência artificial, não como antagonista da máquina, mas como seu intérprete ético e arquiteto de sentido.

Conforme Bortolozzi (2025), em *Inteligência Artificial na Educação para Estudantes da FESP*, o impacto da IA sobre o ensino superior não deve ser entendido como ameaça, mas como oportunidade de reposicionamento epistemológico. O autor sustenta que a IA é instrumento de mediação cognitiva e heurística, e não substituta do professor. Nessa perspectiva, o docente torna-se arquiteto do pensamento, responsável por converter dados em conhecimento e conhecimento em sabedoria prática. Sua função adquire natureza hermenêutica, pois exige interpretar os resultados produzidos por sistemas inteligentes, e maiêutica, na medida em que orienta o estudante à descoberta crítica do saber. Bortolozzi (2025) adverte que a revolução digital só será emancipatória se o docente possuir uma formação filosófica sólida, capaz de compreender as implicações éticas e ontológicas da automação cognitiva. O domínio técnico da IA é necessário, mas insuficiente sem a capacidade de reflexão sobre seus fundamentos e seus efeitos sobre a consciência.

Nessa linha, Pereira (2023), fornece o alicerce conceitual para entender a dimensão ontológica e os limites epistêmicos da IA. Ao distinguir entre abordagens conexionistas, simbólicas e evolucionárias, o autor demonstra que, embora as máquinas possam replicar padrões de raciocínio, carecem de intencionalidade, consciência moral e teleologia. Assim, a IA só adquire valor quando interpretada pelo humano, o que coloca o docente como último elo da hermenêutica algorítmica, o intérprete que converte dados em significado, identificando vieses, lacunas e implicações cognitivas. Essa leitura se articula à ABNT ISO/IEC TR 24027 (2024), que estabelece requisitos para a transparência, representatividade e equidade no uso de sistemas algorítmicos, prevenindo discriminações e promovendo a justiça cognitiva. Em conformidade com essa norma, a prática docente assume também uma função de governança, exigindo do docente não apenas competência técnica, mas responsabilidade ética na curadoria e no uso da IA em contextos educacionais e administrativos.

A coletânea de Cozman, Plonski e Neri, (2024) amplia a discussão ao integrar as dimensões técnica, social e regulatória do fenômeno. Os autores destacam que o avanço das redes neurais e do aprendizado de máquina redefine os paradigmas da produção e da validação do conhecimento, impondo desafios éticos e epistêmicos inéditos. Sem reflexão crítica, a automação cognitiva pode gerar assimetria informacional, exclusão e opacidade decisória. Por isso, o docente contemporâneo precisa assumir o papel de curador epistêmico, capaz de filtrar, contextualizar e auditar o conhecimento gerado por máquinas. Essa postura encontra respaldo na ABNT PR 2030, que orienta a implementação dos princípios de sustentabilidade, governança e integridade em processos educacionais, promovendo uma cultura de responsabilidade socioambiental e ética cognitiva. O docente, nesse quadro, torna-se agente de governança que aplica critérios de *accountability* e transparência não apenas à gestão administrativa, mas também à produção e uso do conhecimento digital.

A contribuição de Baranauskas (2025), em *Histórico e Aplicações de Inteligência Artificial*, acrescenta a dimensão epistemológica e filosófica à discussão, ao recuperar o

percurso histórico da IA e as contradições entre simulação e compreensão. Ao revisitar o célebre experimento da “Sala Chinesa” (Searle, 1980), o autor diferencia processamento sintático de compreensão semântica, mostrando que a inteligência artificial pode manipular símbolos, mas não apreender significados. Tal distinção reforça a função filosófica e ética do professor: preservar a intencionalidade da linguagem e o sentido do conhecimento frente à automatização semântica dos algoritmos. Na prática, o docente torna-se guardião da racionalidade significativa, responsável por avaliar se as respostas algorítmicas mantêm coerência epistemológica, consistência lógica e validade empírica: aspectos que dialogam diretamente com os critérios de qualidade e rastreabilidade exigidos pela ISO/IEC TR 24027 (2024).

De modo prospectivo, Lee e Qiufan (2022), na obra *Em 2041: Como a Inteligência Artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas*, afirmam que o futuro da IA dependerá da capacidade humana de harmonizar tecnologia e empatia. A educação, segundo os autores, será o espaço decisivo dessa síntese, no qual o docente se torna mentor filosófico e ético. A inteligência humana continuará indispensável para atribuir valor moral às decisões automatizadas e orientar a tecnologia para fins de justiça social e sustentabilidade cognitiva. Essa visão converge com a ABNT PR 2030, ao compreender a ética, a governança e o compromisso social como pilares de um ensino superior sustentável, no qual a IA é instrumento de ampliação da razão e não de alienação.

A revista *Mundo em Foco* (2024) complementa o debate ao destacar os desafios da popularização das IAs generativas e a necessidade de alfabetização ética e digital. A publicação evidencia que o docente precisa dominar os princípios de governança algorítmica e compreender como os algoritmos moldam o pensamento e a percepção da realidade. A formação do docente-mestre e filósofo, nesse contexto, deve incluir competências para aplicar os protocolos de conformidade com a ISO/IEC TR 24027 (2024) mitigando vieses, garantindo representatividade e promovendo equidade para integrar os objetivos da ABNT PR 2030, transparência, justiça cognitiva, sustentabilidade e governança ética.

A integração dessas perspectivas revela que a redenção epistemológica do docente-mestre e filósofo se manifesta em três dimensões complementares:

- ✓ Cognitiva – o docente transforma o dado gerado por sistemas inteligentes em conhecimento situado e significativo, alinhando-se às diretrizes de qualidade e rastreabilidade dos dados propostas pela ISO/IEC TR 24027:2024 (PEREIRA, 2023; BORTOLOZZI, 2025);
- ✓ Ética e socioambiental – atua como mediador entre inovação tecnológica e valores humanos, aplicando os princípios de sustentabilidade, responsabilidade e integridade definidos na ABNT PR 2030 (COZMAN, PLONSKI E NERI, 2024; MUNDO EM FOCO, 2024);
- ✓ Filosófica – assume o papel de mentor hermenêutico e guardião da razão, articulando epistemologia, ética e ciência da tecnologia como dimensões inseparáveis da docência (BARANAUSKAS, 2025; LEE; QIUFAN, 2022).

Em síntese, a literatura científica e normativa indica que a função docente na era da IA não se reduz ao domínio instrumental, mas envolve a integração entre pensamento filosófico, responsabilidade ética e competência técnica. O docente contemporâneo é convocado a ser mestre, filósofo e auditor cognitivo, capaz de dialogar com normas técnicas (ABNT ISO/IEC TR 24027:2024) e princípios socioambientais (ABNT PR 2030) para garantir que o conhecimento, ao ser mediado por máquinas, continue humano em essência, ético em finalidade e sustentável em propósito. A IA, longe de representar o fim da educação humanista, é o catalisador de sua refundação epistemológica, na qual o docente reencontra seu papel essencial como arquiteto do pensamento e guardião da razão

4.2 A RECUPERAÇÃO DA RELEVÂNCIA FILOSÓFICA E SOCRÁTICA NO ENSINO SUPERIOR NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os resultados teóricos da presente investigação apontam para uma revalorização epistemológica e ética do pensamento filosófico clássico, em especial o socrático e o platônico, como fundamento indispensável ao ensino superior do século XXI. A incorporação massiva da Inteligência Artificial (IA) aos processos de ensino, pesquisa e gestão acadêmica não elimina a função humana da docência, mas exige sua refundação filosófica e moral. O avanço da IA e da ciência de dados tornou evidente que o conhecimento técnico, quando destituído de reflexão sobre seus pressupostos, riscos e finalidades, conduz à racionalidade instrumental, centrada na eficiência e desvinculada do sentido. Nesse contexto, a filosofia, antes confinada à abstração teórica, reaparece como instrumento de orientação cognitiva, ética e existencial, condição para que a tecnologia permaneça subordinada à razão e não ao automatismo.

A análise das obras de Bortolozzi (2025), Pereira (2023), Baranauskas (2025) e Lee e Qiufan (2022) evidencia que o professor contemporâneo, para exercer legitimamente seu papel no ecossistema digital, deve articular três dimensões interdependentes: pensamento crítico-filosófico, domínio técnico-analítico e consciência ética aplicada. A IA, ao automatizar processos de coleta, inferência e decisão, desloca o eixo da educação da transmissão de informações para a interpretação de significados. Assim, o papel do docente, enquanto filósofo e arquiteto do pensamento, é assegurar que o aprender continue sendo um ato de consciência e não uma mera resposta algorítmica.

A maiêutica socrática ressurge, nesse cenário, como um modelo epistemológico adaptado à era digital. Sócrates, segundo Platão (*apud* JAEGER, 2003), não transmitia verdades prontas, mas conduzia seus interlocutores ao autoconhecimento por meio do diálogo e da dúvida. Essa atitude dialógica, fundada na investigação racional e na humildade epistêmica, constitui o antídoto à superficialidade cognitiva típica da cultura algorítmica. A IA, ao oferecer respostas instantâneas e previsões probabilísticas, tende a reduzir o espaço da incerteza e da reflexão, precisamente o espaço onde, para Sócrates, nasce o pensamento. Recuperar a maiêutica, portanto, é restaurar o direito de questionar as respostas das máquinas, examinar suas premissas e discutir os valores que orientam suas inferências.

A filosofia platônica, por sua vez, reaparece como base ontológica e axiológica da formação acadêmica no mundo digital. Em *A República*, Platão distingue a doxa (opinião) da epistême (conhecimento verdadeiro), advertindo que o saber sem fundamento racional conduz à ilusão. Essa distinção torna-se novamente atual na era da IA, em que sistemas generativos produzem textos, imagens e inferências com aparência de verdade, mas sem consciência semântica. O desafio do ensino superior contemporâneo é ensinar os futuros profissionais a discernir entre informação automatizada e conhecimento significativo — a transitar do plano da doxa algorítmica para o da epistême filosófica.

Essa releitura filosófica dialoga com a ABNT ISO/IEC TR 24027 (2024), que define parâmetros técnicos e éticos para a avaliação de vieses, transparência e equidade em sistemas de inteligência artificial. A norma reconhece que todo modelo algorítmico é uma construção interpretativa e, portanto, sujeita a distorções, omissões e assimetrias. De modo análogo, a filosofia socrática ensina que o conhecimento só é legítimo quando submetido ao exame racional. Assim como o método socrático exige o confronto entre tese e antítese, a ética da IA requer validação crítica e responsabilidade moral. O professor-filósofo torna-se, nesse sentido, o mediador hermenêutico entre a razão técnica e a razão ética, aquele que interroga, interpreta e legitima o conhecimento mediado por máquinas.

A convergência entre filosofia e ciência computacional redefine, portanto, o perfil epistemológico do docente universitário. O ensino superior contemporâneo passa a demandar

educadores que compreendam o significado e o valor do conhecimento, e não apenas sua operacionalização técnica. Surge uma nova categoria de docente: o docente-mestre e filósofo digital, cuja missão é promover a síntese entre o logos socrático e a lógica computacional. Esse docente domina as linguagens das máquinas, mas permanece fiel ao diálogo humano; compreende a precisão dos dados, mas reconhece a incerteza das ideias; utiliza algoritmos, mas submete suas inferências à reflexão moral e à crítica filosófica.

Os resultados desta discussão teórica indicam que a recuperação da relevância da filosofia socrática e platônica não é um retorno nostálgico ao passado, mas uma reconciliação entre razão e técnica. Em um cenário de aceleração tecnológica e automação cognitiva, a filosofia retoma seu papel originário: preservar o sentido do humano diante da máquina. Assim, a verdadeira inteligência, seja natural ou artificial, não se mede pela capacidade de acumular dados, mas pela disposição de perguntar, duvidar e buscar a verdade.

Em síntese, o ensino superior que incorpora a IA de forma crítica deve reafirmar a filosofia como princípio estruturante da formação científica e ética. A maiêutica digital e a hermenêutica algorítmica emergem como metodologias da consciência, isto é, instrumentos para formar pensadores reflexivos, e não apenas usuários de tecnologia. É nesse reencontro com Sócrates, Platão e a tradição do pensamento reflexivo que o docente reencontra também sua própria razão de existir: ser o arquiteto do pensamento, o guardião da razão e o mediador entre a técnica e a sabedoria.

4.3 O NOVO PERFIL PROFISSIONAL DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A consolidação da Inteligência Artificial (IA) como força estruturante do século XXI inaugura uma nova fase da docência universitária, marcada por uma profunda reconfiguração epistemológica, técnica e ética. O docente do mundo algorítmico precisa reunir competências híbridas, isto é, técnicas, reflexivas, filosóficas e éticas que lhe permitam dialogar com os sistemas inteligentes sem abdicar da essência humanista que sustenta a educação.

De acordo com Bortolozzi (2025), a Inteligência Artificial não substitui o docente, mas o convoca a um novo cenário, onde o docente é responsável por transformar dados em conhecimento e conhecimento em sabedoria prática, exercendo o papel de curador epistemológico em um ambiente onde a informação é produzida, mediada e amplificada por algoritmos. Esse profissional precisa dominar não apenas as ferramentas digitais, mas também os fundamentos filosóficos que orientam a aplicação ética e pedagógica da tecnologia.

O perfil profissional do docente na era da IA fundamenta-se, portanto, em quatro dimensões interdependentes: cognitiva, ética, técnica e filosófica.

4.3.1 Dimensão Cognitiva

O docente atua como intérprete do conhecimento produzido por sistemas inteligentes, filtrando ruídos, contextualizando informações e transformando dados em significados. Como enfatiza Pereira (2023), a IA carece de intencionalidade e consciência, sendo incapaz de atribuir sentido aos resultados que produz. Assim, cabe ao docente exercer uma função hermenêutica, interpretando criticamente as inferências algorítmicas e distinguindo processamento lógico de compreensão significativa.

Essa competência cognitiva exige que o docente seja não apenas usuário da IA, mas também analista do pensamento computacional, capaz de compreender os limites epistemológicos do raciocínio algorítmico e de garantir que o aprendizado mantenha vínculo com o discernimento humano.

4.3.2 Dimensão Ética

A incorporação da IA ao ensino e à pesquisa demanda um novo tipo de responsabilidade moral. O docente precisa desenvolver alfabetização ética digital, compreendendo as implicações do uso de algoritmos em contextos de avaliação, produção científica e gestão institucional. A ABNT ISO/IEC TR 24027 (2024), que define parâmetros para a avaliação de vieses, transparência e equidade em sistemas de IA, estabelece um referencial essencial para essa dimensão.

O docente torna-se, portanto, um agente de conformidade ética, responsável por aplicar critérios de justiça cognitiva, rastreabilidade e representatividade às informações geradas por modelos inteligentes. Essa dimensão ética não se restringe à conformidade normativa, mas envolve a capacidade de julgar, ponderar e deliberar sobre os impactos humanos e sociais das decisões automatizadas, reafirmando o valor da consciência crítica como condição de legitimidade do saber.

4.3.3 Dimensão Técnica

O domínio técnico deixou de ser atributo periférico para tornar-se elemento nuclear da docência. O docente contemporâneo deve compreender as linguagens e lógicas da IA, os princípios do aprendizado de máquina, das redes neurais e da ciência de dados, bem como aplicar metodologias baseadas em evidências no ensino e na pesquisa.

Contudo, a técnica, sem reflexão, conduz ao automatismo. Por isso, a competência técnica deve estar subordinada à reflexão filosófica e à interpretação crítica. O docente não é mero operador de ferramentas digitais, mas um analista cognitivo que utiliza a IA como extensão do pensamento humano. Ele precisa ser capaz de avaliar incertezas, identificar vieses e compreender as limitações epistemológicas dos modelos computacionais, promovendo um equilíbrio entre precisão técnica e sentido humanista.

4.3.4 Dimensão Filosófica

Inspirada nos legados de Sócrates e Platão, essa dimensão representa o eixo formador do novo perfil docente. A maiêutica socrática, reinterpretada no contexto digital, converte-se em maiêutica algorítmica, isto é, um processo no qual o docente questiona as respostas automatizadas, reintroduz a dúvida e restabelece o espaço da reflexão crítica.

A filosofia platônica, por sua vez, fornece a base ontológica e axiológica que permite distinguir entre a doxa algorítmica (a opinião automatizada das máquinas) e a epistême racional (o conhecimento verdadeiro, ancorado na razão e na ética). Assim, o docente-filósofo não se limita a ensinar conteúdos; ele ensina a pensar, a duvidar e a discernir, preservando o exercício da razão como antídoto contra a passividade intelectual induzida pela automação. Essa dimensão filosófica é o que impede que o ensino superior se transforme em simples reprodução técnica. Ao reatualizar o método socrático e a ontologia platônica, o docente reafirma o sentido transcendental da educação: formar sujeitos conscientes, capazes de compreender o mundo e de agir eticamente dentro dele.

O docente desse novo paradigma não é mais um transmissor de saberes, mas um guardião de significados e curador de verdades possíveis. Ele atua na fronteira entre o humano e o digital, reconhecendo que a IA é um espelho epistemológico: reflete a lógica humana, mas não substitui sua consciência moral.

De acordo com os preceitos da ISO/IEC TR 24027 (2024), esse docente é também responsável por assegurar que os algoritmos empregados em contextos de ensino, avaliação e pesquisa respeitem os princípios de transparência, rastreabilidade e representatividade. Seu papel, portanto, é tanto epistemológico quanto ético-regulatório, pois ele responde pela integridade cognitiva das informações produzidas e interpretadas em ambiente acadêmico digital.

A partir dessa convergência entre filosofia clássica e inteligência artificial, delineia-se um perfil docente que transcende as categorias tradicionais de formação universitária. O docente-mestre e filósofo digital é aquele que alia sabedoria à técnica, ética à ciência e humanidade à máquina. Ele domina o uso de sistemas de IA, mas permanece fiel à pergunta socrática: “o que é o conhecimento e para que serve?” e à lição platônica de que o verdadeiro saber é aquele que conduz à justiça e à verdade.

No contexto do ensino superior brasileiro, especialmente nos cursos de Administração, esse novo perfil se consolida por meio do Estágio Supervisionado em Administração (ESA), que passa a incorporar os princípios de aprendizagem baseada em evidências, curadoria de dados e análise crítica de algoritmos. O ESA torna-se, assim, um laboratório epistemológico no qual o docente e o estudante atuam como coautores de soluções éticas e inteligentes, reafirmando a educação como prática de liberdade e de consciência crítica.

O resultado é uma nova síntese civilizatória: a integração entre filosofia e tecnologia, razão e empatia, lógica e ética. O docente que emerge desse cenário é um intelectual sistêmico, mentor filosófico, curador de saberes e governante de algoritmos, isto é, um profissional cuja missão é preservar a essência humana da educação em meio à racionalidade técnica das máquinas.

A IA, nesse horizonte, deixa de ser uma ameaça e converte-se em instrumento de revalorização do pensamento, pois, como recorda Platão, “a educação não consiste em encher vasos, mas em acender a chama”. E é o docente quem mantém acesa essa chama, isto é, o fogo da razão na era digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados neste estudo indicam que o advento da Inteligência Artificial (IA), longe de representar uma ameaça à docência universitária, constitui um ponto de inflexão epistemológica e civilizatória. O docente, antes visto como transmissor de conteúdos ou até mesmo como animador de plateia ressurge como arquiteto do pensamento, mediador hermenêutico entre a inteligência humana e a inteligência algorítmica, e guardião da razão em um tempo em que o conhecimento tende à automatização. Essa reconfiguração implica uma refundação filosófica da docência, baseada na maiêutica socrática e na epistemologia platônica, que reintroduz o diálogo, a dúvida e a reflexão como condições da aprendizagem significativa no século XXI.

O estudo evidenciou que a incorporação da IA ao ensino superior exige do docente um perfil híbrido, que articula quatro dimensões interdependentes: a cognitiva, centrada na capacidade de interpretar criticamente os resultados algorítmicos; a técnica, voltada ao domínio das linguagens e lógicas computacionais; a ética, fundada na responsabilidade sobre o uso e o impacto da tecnologia; e a filosófica, que orienta o sentido do conhecimento e o preserva de sua redução instrumental. Esse novo perfil, o de docente-mestre e filósofo digital, reflete a convergência entre ciência, ética e filosofia, redefinindo a docência como prática de consciência e de justiça cognitiva.

A maiêutica digital emerge como categoria central dessa transição. Assim como Sócrates conduzia seus discípulos ao autoconhecimento pelo diálogo, o docente contemporâneo deve guiar estudantes e algoritmos na busca por sentido e verdade, questionando os pressupostos das respostas automatizadas e restabelecendo a primazia do raciocínio humano sobre o cálculo mecânico. A IA, portanto, não é substituta do pensamento, mas catalisadora da reflexão, pois obriga o docente a ressignificar o próprio ato de ensinar em um ambiente de abundância informacional e escassez de sabedoria.

O ensino superior, especialmente nos cursos de Administração e Ciências Contábeis, revela-se um espaço estratégico para essa reinvenção epistemológica. A experiência relatada

no artigo, sobre o (ESA) como laboratório de aprendizagem baseada em evidências, curadoria de dados e análise crítica de algoritmos, demonstra que a integração entre filosofia e tecnologia é não apenas possível, mas necessária para a formação de profissionais éticos, reflexivos e tecnococonscientes.

Conclui-se que a recuperação da relevância filosófica e socrática no ensino superior constitui condição de sobrevivência intelectual diante da automação cognitiva. A educação universitária do futuro dependerá menos da acumulação de informações e mais da capacidade de interpretar, contextualizar e atribuir sentido ao conhecimento gerado por sistemas inteligentes. O docente continuará insubstituível enquanto houver necessidade de mediação ética e de julgamento racional, tarefas que a máquina não é capaz de exercer.

Em uma visão prospectiva, à docência universitária na era da IA tende a consolidar um novo paradigma humanista-tecnológico, no qual o docente assume papel de curador de verdades, mentor filosófico e governante de algoritmos. A verdadeira inovação educacional não residirá na substituição do humano pela máquina, mas na reintegração da razão, da ética e da sensibilidade na cultura digital. Como ensina Platão, educar não é encher o vaso, mas acender a chama, ou seja, o fogo da consciência crítica e da busca pela verdade, continua a arder nas mãos do docente, mesmo em meio à frieza dos circuitos da inteligência artificial.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). ABNT ISO/IEC TR 24027:2024. **Inteligência artificial: Avaliação de vieses em sistemas de IA e apoio à decisão**. Rio de Janeiro: ABNT, 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). ABNT PR 2030:2024. **Prática Recomendada: ESG: Diretrizes para Governança, Estratégia e Gestão**. Rio de Janeiro: ABNT, 2024.

AUSUBEL, David P. **Educational Psychology: A Cognitive View**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968

BARANAUSKAS, José Augusto. **Histórico e aplicações de Inteligência Artificial**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo .FFCLRP, Departamento de Física e Matemática, 2025

BORTOLOZZI, Flávio. **Inteligência Artificial na educação para estudantes da FESP**. Curitiba: Faculdade de Ensino Superior do Paraná. FESP, 2025

DOWNES, Stephen. **Connective Knowledge**. 2005. Disponível em: [An Introduction to Connective Knowledge](#) . Acesso em: 29 out. 2025

ILLERIS, Knud. **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013

JAEGGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

LEE, Kai-Fu; QIUFAN, Chen. **2041: Como a Inteligência Artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022

MUNDO EM FOCO. **Inteligência artificial**. São Paulo: Clube de Revistas, n. 4, jul. 2024

OPENAI. **ChatGPT**. Versão GPT-5. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

PEREIRA, Sílvia do Lago. Introdução à inteligência artificial. São Paulo: **Revista Científica de Tecnologia Aplicada**, 2023

PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Cómo Gertrudis enseña a sus hijos**. Burgdorf: Orell Füssli, 1801

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000

SIEMENS, George; DOWNES, Stephen. Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, v. 2, n. 1, p. 3–10, 2005. Disponível em: [Jan05_01](#). Acesso em: 29 out. 2025

COZMAN, Fabio; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo. **Inteligência Artificial**: avanços e tendências. São Paulo: Atlas, 2024

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Mind in Society**: The Development of Higher Psychological Processes. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978